entre linhas

Novembro/Dezembro 2000 Nº 5 ANO I

Publicação do Conselho Regional de Psicologia CRP - 07

Notícias

Agenda

Resenha



FORA DOS CONSULTÓRIOS

O sucesso da 1ª Mostra de Práticas em Psicologia

Estadual do Trânsito

Vem aí o 1º Encontro E

Alternativas na Psicologia

A cada dia que passa, os psicólogos estão criando novas possibilidades de atuação e ampliando seu espaço de inserção na comunidade





editorial

Novos campos de atuação

É com grande satisfação que informamos do sucesso da 1ª Mostra de Práticas em Psicologia, uma iniciativa que envolveu o CFP e todos os conselhos regionais do país e ocupou o Centro de Convenções do Anhembi, em São Paulo, no início do mês de outubro. Foram três dias de intenso intercâmbio e no qual psicólogos de todo o Brasil mostraram e provaram que é possível, sim, desenvolver um bom trabalho fora dos consultórios. O tema escolhido para este EntreLinhas vem ao encontro do que foi proposto nesta Mostra de Práticas em Psicologia: as muitas possibilidades de trabalho para os psicólogos, que estão surgindo a cada dia, em novos setores, de acordo com as demandas da sociedade.

Assim, trazemos para vocês as contribuições de colegas que direcionaram sua atuação para outras práticas, que podem ser tão ricas quanto a do atendimento em consultórios. Pode ser num Centro de Formação de Condutores, no Tribunal de Justiça ou numa empresa de pesquisa de mercado, o que está (e continua) em questão é contribuir para melhorar a vida das pessoas. E isso todos os psicólogos que deram sua contribuição para este EntreLinhas mostram que estão fazendo, e com muita satisfação. Esperamos, com esta publicação, contribuir para que novos campos de atuação e possibilidades de trabalho continuem surgindo e fazendo dos psicólogos agentes importantes de transformação, não só para os que são atendidos individualmente nos consultórios, mas para todas as pessoas que possam utilizar seus serviços numa instituição pública, numa empresa privada ou em qualquer tipo de entidade que preste serviços para a comunidade.

Gestão Conexão

Foto de capa

A imagem que ilustra a capa desta edição é um cartaz de autoria de Carlos Henrique Montesini, usuário da Unidade em Farmacodependencia de Santo Amaro – SP. O trabalho, que recebeu o nome de *Fragmentação*, foi o segundo colocado na modalidade fotografia do 2º Prêmio Arthur Bispo do Rosário, entregue durante a 1ª Mostra de Práticas em Psicologia (veja matéria na página ao lado).

Gestão Conexão

• Adriane Souza da Silva Schein
• Ana Cristina Blaskoski Carissimi
• Andréa Giesen Lompa
• Aurinez Rospide Schmitz
• Bernadete Magalhães Trindade
• Célia Angelina Trevisi do Nascimento
• Janice Castilhos Gomes
• Maria Regina Krás Borges
• Patrícia Schroeber
• Rejane de Oliveira Pousada
• Siloé Rey
• Simone Poester Schmidt
• Vera Elisabeth Verissimo

Diretoria

Presidente:
• Andréa Giesen Lompa
Vice-presidente:
• Janice Castilhos Gomes
Secretária:
• Célia Angelina Trevisi do Nascimento
Tesoureira:
• Simone Poester Schmidt

Comissão de Comunicação

• Adriane Souza da Silva Schein • Andréa Giesen Lompa • Siloé Rey • Vera Elisabeth Verissimo • Walter Firmo de Oliveira-Cruz

Conselho de Psicologia do Rio Grande do Sul / CRP-07

Sede
Av. Osvaldo Aranha, 1423 – sala 102
90035.191 – Porto Alegre/RS
Telefone/Fax: (51) 335.1838 330.3458
E-mail: crp07@portoweb.com.br
Site: www.crp07.org.br

Seção da Serra
Rua Sinimbú, 2091/ 416
95.020-004 – Caxias do Sul/RS –
Telefone (54) 223.4529
Representante: Patrícia Schroeber

Seção Sul
Rua Félix da Cunha, 772/304
96.010-000 – Pelotas/RS –
Telefone (532) 27.4197
Representante: Giovani Cantarelli

• Os artigos publicados com assinatura são de inteira responsabilidade do autor e não traduzem, necessariamente, a opinião do Conselho Regional de Psicologia.

• Cartas, artigos e outras manifestações devem ser encaminhadas à Comissão de Comunicação. Os artigos devem ter, no máximo, 35 linhas. Por questão de espaço, as cartas podem ser resumidas.

carta

"É com grande satisfação e certo orgulho que cumprimento os colegas responsáveis pelo último veículo de divulgação do CRP. Está atraente, bonito e com consistente conteúdo. Demonstra o nível que atingimos como grupo e a comunicação proporcional que temos obtido. Parabéns!"
Ivone Coelho de Souza, ex-presidente da Soc. Psicologia do RS

"Ao recebermos o jornal EntreLinhas nº4, gostaríamos de cumprimentá-los pela excelência e criatividade de suas publicações."
Ricardo Azeredo da Rosa, SESC/RS



Visite nossa homepage

www.crp07.org.br

Edição e textos: Mônica Kanitz (MTb 8103)
Projeto gráfico e editoração: Clô Barcellos
Impressão: Pallotti
Tiragem: 8 mil exemplares
Peridiocidade: bimestral
Distribuição gratuita

O compromisso social da Psicologia

Foi dos consultórios



Relato das Psicólogas
Ana Cristina Blaskoski Carissimi, Andréa Giesen Lompa, Maria Luiza Dibe, Rejane de Oliveira Pousada e Simone Poester Schmidt



Os três dias da 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia foram quase insuficientes para abrigar tanta criatividade. E não foi só nos palcos que ela se fez presente. Estava, principalmente, nas centenas de estandes das ruas temáticas, onde psicólogos de todo o Brasil expuseram seus trabalhos e mostraram para os colegas e comunidade que sua atuação não se restringe aos consultórios. Além da preocupação com o indivíduo, a psicologia tem um compromisso importante com o social, que se reflete em todas as áreas: saúde, educação, jurídica, comunitária, infantil, adolescente, mulher, violência, formação, família, trânsito, trabalho e melhor idade. A Mostra comprovou que todos estes assuntos estão envolvendo os psicólogos e os estudantes de psicologia do Brasil, que inscreveram e apresentaram 1537 trabalhos (cerca de 150 eram do Rio Grande do Sul). Os números finais indicam que 12 mil pessoas visitaram a Mostra, que foi realizada nos dias 5, 6 e 7 de outubro no Centro de Convenções do Anhembi, em São Paulo. Realizada pelos quinze Conselhos Regionais de Psicologia e pelo Conselho Federal, a 1ª Mostra Nacional de Práticas em Psicologia foi considerada um evento inovador e fundamental para a visibilidade de muitas práticas profissionais que, na maioria dos casos, são desconhecidas da categoria e do grande público. Afinal, são milhares de profissionais que se dedicam à construção de novas possibilidades de intervenção, significando uma verdadeira ampliação da contribuição social da psicologia.

Vários grandes momentos marcaram os três dias da Mostra, começando pela abertura, que contou com a apresentação do Coral Cênico de Saúde Mental. Formado por terapeutas, usuários de serviço de saúde mental e pessoas da comunidade, foi uma apresentação que arrancou aplausos entusiasmados da platéia. A Mostra também abrigou dois shows – do grupo Karnak e do cantor Chico César – e foi palco de homenagens e palestras com profissionais que vêm se dedicando ao social. É o caso de Frei Betto, Márcio Thomaz Bastos, Mário Sérgio Cortella, Maria Helena Patto, João Pedro Stédille, Paulo Delgado, Marcos Rolim e Naelson Corrêa Guimarães. A veia artística dos psicólogos foi ressaltada com o Concurso Palavras & Imagens, enquanto os pacientes assistidos pelos serviços de saúde mental tiveram seu talento reconhecido através da segunda edição do prêmio Arthur Bispo do Rosário. Mas, além de expôr seus trabalhos e participar das atividades culturais, o grande desafio dos participantes consistiu em visitar os mostradores dos colegas (profissionais e estudantes) que vieram de todo o país e colocaram à disposição um universo imenso de práticas variadas. Selecionar as áreas de maior interesse foi a solução, das quais pode-se destacar as práticas em instituições carcerárias e psiquiátricas; trabalhos com crianças e adolescentes, valendo lembrar a grande repercussão das campanhas contra a Redução da Idade Penal e em Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente; as práticas com idosos; propostas com encenação teatral e escolha de vídeos, músicas e dança com objetivos terapêuticos.

Por tudo isso, a 1ª Mostra de Práticas em Psicologia foi, sem dúvida, um momento grandioso para a profissão. Não só pelo intercâmbio entre os psicólogos e por comprovar a maturidade da Psicologia feita no Brasil, mas também porque ajudou a transpor mais uma barreira para acabar com o conceito elitizado do psicólogo e aproximá-lo ainda mais da população e dos compromissos sociais que têm com ela. Nos próximos anos deve ter mais!

MOSTRA DE PRÁTICAS FOI UM SUCESSO



12 mil visitantes
1537 trabalhos inscritos
150 trabalhos do RS
75 ônibus de todo o país





Agradecimentos

O CRP-07 agradece a todas as instituições que colaboraram para que o Rio Grande do Sul pudesse se fazer representar na Mostra, em especial a Unisinos e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), que oportunizaram a ida de seus alunos ao encontro.



A PSICOLOGIA

E AS PRÁTICAS ALTERNATIVAS



Ana Mercês Bahia Bock
Doutora em Psicologia Social, professora de Psicologia Social e Educacional e diretora da Faculdade de Psicologia da PUCSP, presidente do Conselho Federal de Psicologia gestões 97/98 e 98/2001

As práticas alternativas acontecem em um cenário político do mundo moderno, o mundo globalizado, onde os espaços na vida são cada vez menores. As pessoas parecem não encontrar os lugares onde se pode refletir sobre o mundo que as rodeia e com isto não podem saber quem são. Interessante! Contraditoriamente o mundo dito globalizado nos desterritorializou, reduziu nossa possibilidade de construirmos nossa identidade. Não sabemos mais quem somos, isto porque o saber-se a si mesmo só é possível quando sei meu mundo e sei dos outros. E o que sabemos do mundo? Mas não somos globalizados? Esta é a contradição da globalização. Pensamos que sabemos mais sobre o mundo, mas na verdade a globalização nada mais é do que a utopia de universalizar o padrão de consumo. Mas o que sabemos de nós? A História, por exemplo, de nosso povo, de nossa cultura fica cada vez mais desconhecida. Mas são estas as marcas da nossa identidade.

Por outro lado, nossa profissão vem sofrendo uma restrição de espaço no mercado, porque as políticas sociais, de educação e saúde, estão se tornando cada vez mais restritas e nossa possibilidade de colaboração se torna cada vez menor. Mas, ao mesmo tempo que nosso espaço no mercado de trabalho parece se reduzir a quase nada, lá estamos nós, sendo procurados nos consultórios para que possamos ajudar as pessoas a se "encontrarem", a se "definirem". Há hoje uma procura grande pelas psicoterapias. Todos estão em busca de suas referências.

Estamos em uma sociedade onde a ênfase no individualismo traz, para as pessoas, o seu contrário; isto é, a ênfase no indivíduo nos leva à perda total de condições de nos compreendermos. Sennett diz isto melhor do que eu: "O eu de cada pessoa tornou-se o seu próprio fardo; conhecer-se a si mesmo tornou-se antes uma finalidade do que um meio através do qual se conhece o mundo. E precisamente porque estamos tão absortos em nós mesmos, é-nos extremamente difícil chegar a um princípio privado, dar qualquer explicação clara para nós mesmos ou para os outros daquilo que são as nossas personalidades. A razão está em que, quanto mais privatizada é a psique, menos estimulada ela será e tanto mais nos será difícil sentir ou exprimir sentimentos" (O Declínio do Homem Público, 1988)

Interessante registrarmos esta demanda contraditória: um mundo globalizado que valoriza e privatiza a individualidade e como conseqüência tem um indivíduo que se perde de si mesmo.

Há uma crença de que a Psicologia pode ajudar às pessoas a se conhecerem melhor. E isto gera uma demanda para nossos serviços. Mas há também uma crença de que outras práticas, não oficiais, podem ajudar a responder esta demanda de se conhecer.

Aqui, quero acrescentar a idéia da fragilidade do homem moderno. A tecnologia e seu gigantismo nos colocou como seres muito frágeis. Interessante esta outra contradição: nós, homens, construímos a tecnologia, mas é ela que aparece como algo estranho a nós mesmos nos fragilizando. Isto porque a democratização de acesso a ela não é igual. Mas, sem nos determos neste ponto, gostaria de apenas registrar esta fragilidade do homem moderno. Se sente incapaz de dar conta de sua própria vida e busca em forças mais poderosas e místicas a segurança de um destino seguro e bom. Cresce então o pensamento místico em nosso meio. Cresce a demanda pelas chamadas práticas alternativas.

Na verdade é preciso cuidado com os termos, pois práticas alternativas são aquelas que se colocam como possibilidades quando não se tem uma prática oficial à disposição. De acordo com Aurélio, alternativa quer dizer "opção entre duas coisas", "diz-se das coisas de que se pode escolher a que mais convenha" e enfim "que não está ligado aos interesses ou tendências políticas dominantes".

Portanto, falar em práticas alternativas implica reconhecer determinadas práticas como oficiais, como dominantes e reconhecer outras práticas como fora do oficial, das práticas cotidianas e comuns.

Vale também lembrar que, apesar de tendermos a valorar positivamente tudo que se coloca como

alternativa ao dominante, é preciso colocarmos aqui que nem tudo que é alternativo é necessariamente um avanço. Quando alguma peça de nosso automóvel se quebra e não há no mercado outra para substituir, podemos encontrar uma alternativa em alguma peça de um carro velho ou fazermos uma gambiarra; quando todos aderiram às fraldas descartáveis, a fralda de pano passou a ser alternativa. Portanto, falar em práticas alternativas em Psicologia não significa automaticamente práticas que indiquem avanço ouprogresso.

Gostaria então de demarcar que, na Psicologia, o que podemos chamar de alternativo se refere a um conjunto de práticas que não estão reconhecidas como do campo da Psicologia. Não são por princípio positivas, nem negativas. São alternativas ao que é dominante. Com isto duas perguntas aparecem:

. Como as práticas se tornam reconhecidas? Oficiais? Quem decide isto?

. Dentre as alternativas que estão por aí, quais as que poderiam se aproximar da Psicologia?

O que torna as práticas oficiais é o reconhecimento social de que elas são oficiais. Isto se dá em longo processo de construção de sua "oficialidade". São pesquisas na Universidade, são grupos que vão se constituindo e sendo aceitos no seio das ciências e profissões; são trabalhos que vão demonstrando claramente, sem contestações, sua eficiência. Enfim, é um processo social de construção da "oficialidade" das práticas que vão, assim, deixando de serem alternativas. Para isto o CFP, que regulamenta a profissão de psicólogo, a partir de um amplo fórum de debate sobre as práticas alternativas, publicou duas resoluções que atendem a estas questões. Falam da pesquisa sobre novas práticas e da associação da Psicologia a elas, na prática profissional.

A segunda questão é um pouco mais complicada, mas, sem aprofundá-la muito, gostaria de apontar um critério que me parece diferenciador das práticas e saberes da Psicologia e do campo alternativo. A Psicologia está fundada na idéia básica do homem racional que constrói seu mundo e ao fazer isto constrói-se a si próprio. As práticas místicas estão fundadas em princípios opostos a este, pois acreditam em um homem pré determinado por alguma força externa e incontrolável. Este é um princípio que nos separa e, se acreditarmos nisto, nenhuma destas práticas místicas que estão por aí, são alternativas à Psicologia.

Gostaria ainda de registrar que acredito que o que vivemos hoje, com as práticas alternativas, tem a ver com o cenário do mundo moderno, rapidamente descrito, mas tem também a ver com a Psicologia ter, de certa forma, se "mistificado", quando naturalizou o fenômeno psicológico e o pensou de forma abstrata, como algo enclausurado no homem, que tem sua força e seu desenvolvimento próprios. O psiquismo foi, na verdade, mistificado. Daí termos nos aproximado destas crenças místicas. Penso, assim, que a saída deste problema não é exatamente ou exclusivamente nos afastando das práticas místicas, mas é nos voltando para a Psicologia e construindo uma ciência crítica e colocada à realidade social, cultural, econômica e biológica do homem.

O PSICÓLOGO NA ERA DO ENVELHECIMENTO

Odair Perugini de Castro
Psicóloga e gerontóloga

A velhice é uma realidade bio-psico-social que influencia na representação social da velhice. É um conjunto de concepções que o indivíduo internaliza a respeito do mundo ao seu redor, que explica a realidade e baliza o seu comportamento. É a tradução da realidade pelo sujeito e maneira pela qual ele apreende os dados, fatos e informações do meio, constituindo um conhecimento prático, socialmente elaborado e partilhado.

A representação social do velho demonstra estereotipias, discriminação e marginalidade, determinando uma visão permeada de contradições e contrastes sociais que influenciam o comportamento do indivíduo na coletividade. A condição do velho nas sociedades ocidentais contemporâneas é fruto da interação de múltiplos fatores e, também, das relações "capital-trabalho" (aposentadoria).

Na velhice, a vida exige uma aceitação, uma elaboração das transformações (perdas e ganhos). Surge, então, a oportunidade profissional para o psicólogo de ajudar o idoso a se dar conta das mudanças culturais e nas formas de pensar a experiência cotidiana do envelhecer. A psicogerontologia surge como um campo do saber específico disponível de intervenção e de estudo na gestão da velhice bem sucedida. Uma prática bem aceita pela comunidade é a Universidade da Terceira Idade, que foi criada por mim há dez anos e funciona junto ao curso de Psicologia da Ufrgs. Através de palestras que são realizadas todas as segundas-feiras, os idosos se conscientizam a respeito do envelhecimento e são incentivados a desenvolver sua auto-estima e combater os preconceitos. Durante toda a semana, eles também freqüentam oficinas de todos os tipos - português, artesanato, expressão corporal, teatro, literatura, música - que são ministradas por alguém do próprio grupo.

O envelhecimento populacional representa um grande desafio para o Brasil, no próximo milênio. Nosso país, com mais de 8% de idosos com mais de 60 anos, já é considerado um país velho, de acordo com a Organização Mundial de Saúde. Em 2025, o Brasil terá atingido a casa dos 15%, com 37 milhões de idosos. A população do Brasil cresce numa taxa abaixo de 2,5%; a de idosos, perto de 5%.

Tradicionalmente, o aumento da longevidade tem sido explicado por fatores tais como o declínio da mortalidade infantil, o controle da natalidade, a erradicação de doenças transmissíveis, o aperfeiçoamento nos cuidados de nutrição e saúde. Estas conquista são realmente significativas, mas há um fato que é fundamental, constatado pelo estudo do curso da vida: podemos viver mais porque estamos projetados para isso. Quando controlamos doenças, traumas, desajustes de comportamento e auto-destruição, a ordem natural da vida prevalece.

A psicologia no esporte

Leonice Leonhardt é a psicóloga do Grêmio Football Portoalegrense. Seu trabalho teve início há dois anos e envolve todos os profissionais da entidade: comissões técnicas, assessores, médicos e os atletas das categorias de base (juniores e infantil) e do time principal. Seu dia-a-dia inclui o acompanhamento de treinos e jogos principais, entrevistas com os jogadores e avaliações sistemáticas, tudo visando a um objetivo: promover a saúde emocional dos atletas e prepará-los para suportar pressões, críticas e a sempre presente cobrança de resultados. "Meu trabalho também passa pela motivação diante de situações adversas e pela busca de um perfil vencedor, incentivando a coragem, a iniciativa e o ânimo dos atletas", diz Leonice. No começo de cada temporada, ela traça o perfil psicológico-esportivo dos jogadores com a intenção de conhecer seus pontos fortes e aqueles aspectos nos quais o atleta deve ser preservado ou pode ser mais exigido. Este perfil não condiciona a posição do jogador em campo, mas auxilia a equipe técnica na condução do time.

Conforme a psicóloga, este trabalho merece muita atenção porque a maioria dos atletas têm mudanças bruscas em sua vida. "Da noite para o dia eles se tornam pessoas públicas e, muitas vezes, têm uma melhoria considerável da sua condição financeira. É importante acompanhá-los para que saibam lidar com isso, assim como com os jogadores das categorias de base. A maioria são meninos que saem de suas casas no interior e precisam viver a vida longe das famílias", avalia. Estes problemas, que podem interferir no desempenho do jogador dentro do campo, são levados em conta pela psicologia esportiva do Grêmio. A intenção é auxiliar as pessoas que representam o clube nos gramados a administrar emoções decorrentes da vivência deste novos momentos, não deixando que "questões de fora" atrapalhem seu rendimento.



O psicólogo jurídico

Segundo a psicóloga Sônia Rovinsky, os psicólogos jurídicos são todos aqueles que trabalham em setores relacionados com a legislação, como os Tribunais de Justiça, Febens e presídios. Sônia, que há sete anos é psicóloga do Departamento Médico do Tribunal de Justiça, conta que sua função é avaliar novos funcionários e fazer as perícias dos processos da vara de família (área cível). "A maior parte destes casos passa pela guarda dos filhos, ressarcimento por danos materiais e morais, interdição familiar e aposentadoria por incapacitação para o trabalho. Estas perícias são solicitadas pelos juízes, que utilizam os resultados para dar o veredicto final nos casos, e são realizadas através de entrevistas ou visitas às pessoas envolvidas nos casos", explica.

Sônia esclarece que a figura do psicólogo jurídico é muito antiga e existe desde a regulamentação da profissão. "Antes do reconhecimento do profissional da psicologia, outras pessoas exerciam esta função, atendendo a demanda intensa que é o universo judiciário", ressalta. Segundo ela, a função do psicólogo é importantíssima porque possibilita a existência de uma justiça mais adequada e faz chegar ao juiz fatos importantes dos processos, chamando a atenção sobre como suas decisões tem repercussões importantes na vida das pessoas.



O psicólogo do trânsito

A função de um psicólogo do trânsito é avaliar os candidatos que querem obter sua primeira carteira de habilitação. A psicóloga Carla Bittencourt dos Santos, que atende de um Centro de Formação de Condutores (CFC), esclarece que, nesta avaliação, se aplicam testes que analisam áreas como a inteligência, atenção, personalidade e aspectos emocionais do futuro condutor e também se faz uma entrevista pessoal, para saber do interesse e envolvimento do candidato com o trânsito. A atuação do psicólogo do trânsito também pode ser solicitada em casos específicos, principalmente pelos médicos ou quando o candidato ultrapassa os 20 pontos de infração e tem a habilitação cassada.

Para ser um psicólogo do trânsito é necessário ter dois anos de experiência em avaliação e um curso de Perito Examinador do Trânsito, que é oferecido pelas universidades, além do credenciamento junto ao Detran. "É um campo interessante, já que trabalhamos com públicos totalmente heterogêneos, que são as pessoas que vão aos CFCs (Centro de Formação de Condutores) em busca da sua carteira de motorista", observa Carla. A exigência de que exista um psicólogo em cada CFC vem de julho de 1997. Até então, havia cerca de cinco psicólogos do trânsito no Rio Grande do Sul, vinculados ao Detran.

Segundo a psicóloga, a atuação do psicólogo na área do trânsito faz pensar em um plano bastante amplo. "Sabe-se, estatisticamente, que 94% dos acidentes de trânsito possuem como causa o comportamento do condutor: no trânsito as pessoas dirigem o seu veículo como vivem, conduzem revelando verdadeiramente suas frustrações, neuroses, educação, aspectos positivos e negativos de sua personalidade, que se constituem um espelho do condutor, a personalidade de quem o estiver dirigindo", destaca.

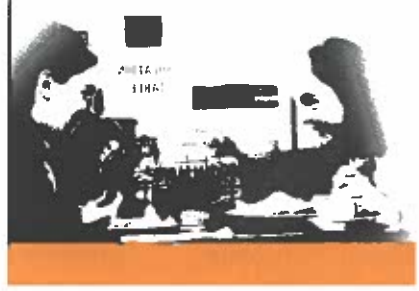
Para ela, o papel do psicólogo neste meio social é de grande necessidade e, por isso, é necessário exercer a ética profissional acima de qualquer circunstância e utilizar uma avaliação apropriada detectando indícios de riscos e condutas perigosas à via pública. "Devemos valorizar a prevenção pois um acidente de trânsito desestrutura psicologicamente e financeiramente uma pessoa e, consequentemente, toda sua família", conclui.

EXPERIÊNCIAS

EM PSICOLOGIA COMUNITÁRIA

Psic. Jenny Milner Moskovics

Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica (PUCRS), professora na Faculdade de Psicologia e no Campus Aproximado da Vila Nsa. Sra. de Fátima (PUCRS), psicóloga no Centro Municipal de Atendimento em DST/AIDS (Prefeitura de Porto Alegre).



A Psicologia Comunitária tem sua origem histórica marcada na década de 60, surgiu como ramo da Psicologia Social nos anos 70 e acaba invadindo os Cursos de Psicologia nos anos 80, quando iniciam os primeiros trabalhos de extensão universitária e pesquisa, assim como a criação de campos de estágio nesta área. Fundamentalmente identificada com os movimentos de educação popular que tinham como meta a conscientização da população, numa tentativa de neutralizar a repressão e a violência, a Psicologia Comunitária aos poucos vem saindo de sua clandestinidade e se assumindo como uma área comprometida politicamente a favor das camadas menos favorecidas da população, na direção da transformação social e da superação da tendência à psicologização a-histórica das relações cotidianas.

A partir da criação de cargos e concursos públicos, ampliou-se a possibilidade de inserção dos psicólogos em funções destinadas à prestação de serviços à população e, assim, multiplicaram-se as atividades em postos de saúde, fundações, instituições de reintegração social e associações. A saída do âmbito tradicional de atuação em consultórios, escolas e empresas exigiu a adoção de novos modelos de atuação, porém, ainda precisamos refletir sobre nossas práticas, principalmente no que diz respeito a seus embasamentos teóricos e filosóficos.

A utilização dos conhecimentos psicológicos para a promoção das mudanças desejadas pela própria população, de uma melhor condição de vida e do fortalecimento da própria comunidade para a resolução de suas questões, só faz sentido se estiver aliada à superação do modelo médico e assistencialista ainda tão fortemente arraigado às nossas práticas. Neste sentido, torna-se fundamental a criação de alianças não apenas com os corpos teóricos e técnicos de outros profissionais (médicos, enfermeiros, assistentes sociais, professores,...), mas, principalmente, com os paraprofissionais voluntários, lideranças comunitárias e agentes de saúde. Como representantes do universo sócio-cultural onde esta comunidade encontra-se inscrita, constituem a possibilidade de recuperarmos seus elementos espontâneos e naturais na abordagem da saúde mental (linguagem, lazer, esporte, manifestações culturais e lúdicas,...).

Na retomada de minha história dentro da Psicologia Comunitária, posso perceber que não fui apenas acumulando experiências, mas principalmente, desconstruindo minhas práticas, enfrentando e procurando superar as ansiedades e desconfortos inerentes ao desafio de aproximar a Psicologia das necessidades e urgências da realidade brasileira. Como supervisora acadêmica de Estágio em Psicologia Comunitária, tenho a satisfação de acompanhar projetos interessantes de colegas que também estão nesta caminhada nos seus diferentes locais de atuação e que estão, ao mesmo tempo, contribuindo para a formação de novos profissionais. Projetos de trabalho junto a creches comunitárias, conselheiros tutelares, agentes comunitários de saúde, educadores populares, lideranças comunitárias, meninos de rua, mulheres vítimas de violência doméstica, pessoas que vivem com HIV, desfilam no cenário da Psicologia Comunitária, minimizando, em parte, a alienação de muitos profissionais e estudantes que desconhecem a realidade da população brasileira. Temos um longo caminho pela frente.

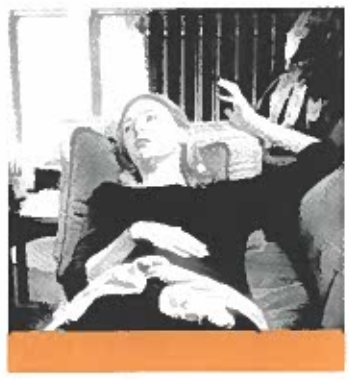
A iniciativa de reunir doze mil pessoas que literalmente mostraram a sua cara numa Mostra Nacional de Práticas em Psicologia intitulada "Psicologia e Compromisso Social", a partir da mobilização dos próprios Conselhos Federal e Regionais de Psicologia, me faz acreditar que algo está concretamente se modificando e que, finalmente, estamos superando nossa postura arrogante, passiva e alienada, saindo de nossa pseudo-neutralidade e tomando uma posição ativa e coerente com a realidade do país onde vivemos.

O psicólogo no serviço público

A psicóloga Vânia Domingues, que atua no Posto Central do Sine (Sistema Nacional de Empregos), está integrada à equipe responsável pela realização de Oficinas de Preparação para o Trabalho. O programa, que existe desde 1994, é destinado a adolescentes menores de 18 anos e que estejam cadastrados na procura de emprego. Desde o início deste ano, o programa de oficinas vem sendo estendido a empregadas domésticas. Segundo Vânia Domingues, nestas oficinas os adolescentes e as domésticas recebem orientações básicas sobre mercado de trabalho, legislação e postura profissional. "Mas também desfrutam da oportunidade de compartilhar dúvidas, experiências, ansiedades e expectativas inerentes à busca de emprego. Afinal, é um momento difícil em um mercado recessivo, sobretudo para estas categorias", complementa. Além das oficinas, a psicóloga ainda desenvolve um programa de integração e acompanhamento dos estagiários e aplica entrevistas individuais para avaliação psicológica de alguns candidatos a empregos.

Marcello de Oliveira Pereira
Psicólogo, mestre em Psicologia Social e da Personalidade e doutorando em Lingüística Aplicada pela PUC/RS

O Psicólogo e a Pesquisa de Mercado



A pesquisa de mercado é imanente às sociedades industrializadas, massificadas e consumistas — pensá-la nas de economia estatal, monopolista, feudal ou de escambo é contra-senso. De modo geral, a pesquisa de mercado está associada ao *marketing*, isto é, à mediação entre produção e consumo de bens e serviços. Deixarei de lado as questões relativas ao *marketing político* (bem como similares) por entender que exigiriam reflexões mais particularizadas.

Há quem pense que o *marketing* surgiu no século vinte em função de aspectos macro-econômicos como a urgência de gerir excedentes de produção e, também, quando se percebeu mais nitidamente que o consumo não está necessariamente correlacionado ao preço da mercadoria (tudo que circula e tem valor no mercado). Contudo, pelo menos em termos de teoria econômica, Marx já descrevera no século dezenove o fenômeno do feitiço da mercadoria e, além disso, sua concepção de mercadoria afasta qualquer dúvida acerca de tentar uma redução da lógica do consumo à variável preço ou ao útil naturalizado. Marx concebe até a mercadoria mais ordinária como assombrada pela história e, portanto, pela ideologia. A construção da oferta no mercado obedece um processo que não se restringe a um cálculo cartesiano estrito de custos de produção e a um conceito enxuto da utilidade.

Por outro lado, quanto às demandas existentes no mercado, tampouco elas são concebíveis como satisfações de necessidades básicas biológicas e instintivas. Em outras palavras, como diz a música, "a gente não quer só comida, quer ...", e, como disse um analista, "a criança, quando vai mamar, procura tanto o seio [leite, nutriente do corpo] quanto o olhar da mãe [amor, nutriente da alma]". Philip Kotler, menos poético e especialista do *marketing* ilustra a questão dizendo que a mulher que compra um batom, na verdade, estaria adquirindo "esperança", alguém que compra uma furadeira estaria comprando "buracos", quem compra o serviço de um hotel consome "repouso e sono", etc. Freud descreveu e analisou com precisão as vicissitudes do desejo humano, determinando o caráter substitutivo dos objetos supostos como satisfação das necessidades e as inúmeras intromissões culturais prescritivas e interditoras do acesso ao gozo. Aliás, há o exemplo do *witz* do "mendigo gourmet" — *putz, afinal, quando é que vou comer salmão com maionese?* — indicando que o humano se dá sempre em relação ao desejo e que esse não se deixa conter, decorrer ou deduzir "racionalmente" conforme categorias estreitas da sociometria clássica (sexo, idade, renda, etc). Considerando-se Freud é lícito perguntar se não seriam as variáveis sociométricas que estão em função das vicissitudes do desejo.

Entende-se, assim, que não há necessidades básicas que seriam satisfeitas por um único objeto da realidade e, tampouco, que haja uma função biunívoca entre necessidades e objetos. A construção do que é ofertado e a demanda estabelecida são mediadas por fatores culturais, sociais e psicológicos. Logo, análises e avaliações de mercado pressupõem considerações culturais, sociológicas e psicológicas.

Considerada ciência da subjetividade e do comportamento, possibilitando a interpretação e, supõe-se, predição de fatos emocionais intervenientes no comportamento de consumo, a Psicologia interessa aos analistas de mercado por suas variadas metodologias, campos de investigação e resultados. Ao contrário da crítica de Pierre Bourdieu — que a pesquisa de mercado estaria às voltas com as pulsões (o que contém certo moralismo) — toda uma parafernália conceitual de ciências cognitivas, inteligência artificial e mesmo neuropsicologia é acionada para melhor compreender a mente do consumidor. Basta lembrar de produtos como *teletubbies*, *pokemons*, *digimons*, *tamagochis* e outros tantos para imediatamente considerar que não são fruto de criação espontânea e que não nos alcançam por acaso — originam-se com muita investigação a respeito das características intrínsecas de seus pequenos consumidores em termos de aquisição da linguagem, processos cognitivos, processos de desenvolvimento, maturação neurológica e habilidades fisiológicas, etc.

A pesquisa de mercado portanto é uma atividade multidisciplinar que pode contar com psicólogos no levantamento de questões e elaboração de hipóteses, construção do instrumento, execução e interpretação de dados. Grosso modo, as pesquisas são qualitativas e/ou quantitativas: as primeiras mapeando e descrevendo categorias (classificações, proposições, pensamentos, crenças, intenções, motivações, etc.) presentes na avaliação e na percepção que os agentes do mercado têm a respeito das mercadorias e de suas propriedades; as segundas identificando freqüências e distribuições estatísticas das categorias entre os agentes de mercado. As investigações qualitativas costumam anteceder as quantitativas. As técnicas qualitativas — entrevistas individuais, grupos de discussão e observação de campo — permitem corroborar ou descartar intuições ou hipóteses prévias acerca do comportamento de consumo, da percepção e avaliação que os consumidores efetivos ou potenciais fazem a respeito dos bens ou serviços (seja algo *existente* no mercado, seja algo apenas formulado em termos de *conceito* de um bem ou serviço) e, também, permitem inferir ao menos o cenário de fundo a partir do qual emergem as qualificações e desqualificações atribuídas aos bens e serviços. A técnica qualitativa tem caráter, diga-se, "ontológico", porquanto desenha os limites do que está posto na *ratio* do consumo.

O conjunto de atitudes, percepções e avaliações dos consumidores determina o que se chama o "posicionamento" dos bens, serviços e, especialmente, das marcas. Saber a posição das mercadorias no mercado é fundamental pois permite predizer posições futuras, posições vagas, limites mínimos e máximos de crescimento, de vendas e lucros, saturação do mercado, ciclo de vida de uma mercadoria ou conceito de produto, entre outras questões. Além disso, assim, determina-se a comunicação a fazer, isto é, as estratégias de veiculação publicitária e o *target* (alvo, destinatário da comunicação): como anunciar, quando, onde, com que freqüência, estilo e etc.

Seja o mercado um sistema e as mercadorias os seus elementos. Imagine-se que esses elementos são substituíveis e combináveis formando coisas como "signos", "frases" e "discursos". Se o conjunto das leis de mercado é um *código*, as mercadorias selecionadas e combinadas são *mensagens* e, finalmente, a produção e o consumo são, respectivamente, os seus pólos de *emissão* e *recepção*. Detalhando mais, concebe-se o posicionamento como algo análogo aos traços distintivos dos fonemas de Jakobson, Halle e Chomsky, isto é, determinado pela presença ou ausência de traços num conjunto de oposições tais que: durável – não durável, caro – barato, móvel – imóvel, pessoal – impessoal, grande – pequeno, etc. Exemplo: o posicionamento de veículos e marcas no mercado de automóveis dependeria de traços como: (+/-) seguro, (+/-) econômico, (+/-) potente, (+/-) caro e (+/-) poluente.

Por *combinação* de mercadorias entenda-se que ao ir ao cine-

ma, consumiremos aproximadamente um mesmo conjunto de coisas além do ingresso — faz-se toalete antes de sair, põe-se uma roupa, paga-se o ônibus, come-se pipoca, bebe-se e janta-se, etc. Por *substituição* de mercadorias: veste-se jeans ou terno ou smoking; vai-se de ônibus, carro, táxi, lotação, carona ou caminhando ao cinema (ver filme de ação ou comédia ou aventura ou drama ou terror) ou ao teatro ou ao show ou ao comício; pode-se comer pipoca, comprar balas ou chocolate; tomar água ou suco ou refrigerante; etc. As escolhas realizadas de combinações seqüenciais e substituições alternativas ocorrem, supomos, por via de um estilo de vida invariante. Cada conjunto de combinações e substituições mais ou menos freqüentes encontradas em um número constante de pessoas acaba por fornecer a idéia de segmentos de consumo e de perfil de consumidor. Este, por sua vez, sente-se geralmente feliz em enunciar a sua mensagem através de seu padrão de consumo: jovem, romântico, guloso, com sede, com alguma coisa em comum, com uma bandeira à Mao no ombro, etc.

O objetivo de levantar informações do mercado é encontrar e descrever as regras que estão sendo utilizadas em dado momento nas combinações e substituições dos elementos do sistema que se manifestam em termos de padrões, hábitos e preferências de consumo. Não se trata de ouvir, escutar ou entender as mensagens que circulam — apenas de descrevê-las de modo que se possa discernir para um dado sistema o que é "gramatical" (Chomsky) ou "analítico" (filosofia da linguagem) e faz sentido, daquilo que não é nada disso. Claro que as pesquisas não são obrigadas a seguir essa metodologia estrutural descrita e, de fato, muitas lançam mão de recursos inusitados como ocultismo e coisas afins. De todo modo, quer seja usada a semiótica, economia política, sociologia, ciências cognitivas, psicanálise, numerologia, astrologia ou i-ching, o *a priori* é sempre a existência de mensagens circulando — qual idioma, qual postura de leitura, qual interesse em conteúdo são questões secundárias.

No Brasil ainda se utiliza a pesquisa de mercado com a mesma parcimônia que se observa nos padrões de consumo. A estrutura de sociedade de consumo entre nós ainda é bastante recente: seja porque a industrialização aqui foi tardia, seja porque a maior parte da população não tem renda suficiente para consumir (de modo pleno) e está preocupada na acumulação de bens (categoria privilegiada no medievo e na roça: juntar bastante grão e feno para o inverno). Além disso, a inexistência de poupança e a falta de crédito afetam qualquer crescimento do consumo. Apesar desses problemas crônicos, a pesquisa de mercado no Brasil é um campo muito atraente, desafiador, com um excelente potencial no futuro e, finalmente, muito divertido.

Indicações de leitura

Philip Kotler é a referência base de *marketing*. Roland Barthes (*O sistema da moda*) é referência histórica para compreender o estruturalismo aplicado ao mercado. Jean Baudrillard (*A sociedade de consumo, Para uma crítica da economia política do signo* e *O sistema dos objetos*) e Pierre Bourdieu (*A economia das trocas simbólicas* e *La distinction*) apresentam um olhar crítico.

Participe!

Reuniões no CRP-07

As comissões do CRP-07 se reúnem semanalmente, na sede do Conselho. Nestes encontros são avaliadas questões importantes para os profissionais da Psicologia e discutidas novas propostas e iniciativas, sempre com a intenção de melhorar o cotidiano dos psicólogos gaúchos. Os interessados em acompanhar estas reuniões podem buscar informações sobre horários e como participar através do site do CRP-07 ou pelos telefones do Conselho. As comissões do CRP são as seguintes: Comissão de Direitos Humanos; Comissão de Políticas Públicas; Comissão de Formação; Comissão de Ética; Comissão Especial do Trânsito; Comissão de Orientação e Fiscalização.

Vem aí o Encontro de Psicologia do trânsito

PSI

Parada Obrigatória

Agende-se!
25 de novembro
8h30min
no Senac
(Assis Brasil, 1481)
Evento gratuito

Um dia inteirinho para pensar sobre o trânsito. Esta é a proposta do I Encontro Estadual de Psicologia do Trânsito, que será realizado no dia 25 de novembro, a partir das 8h30min, no Senac da avenida Assis Brasil, nº 1481. Todos os psicólogos que atuam na área estão convidados a participar e trazer sua experiência para o grande grupo, num intercâmbio que certamente vai aprofundar o debate e contribuir para uma análise da realidade do profissional que trabalha no Rio Grande do Sul. "Queremos saber o que podemos fazer ainda melhor para nós e para as pessoas com quem trabalhamos", destaca Aurinez Rospide Schmitz, presidente da Comissão Especial do Trânsito do CRP-07, grupo que está organizando o encontro.

Seis mesas vão compor o debate, abordando todos os assuntos pertinentes à psicologia do Trânsito: avaliação psicológica dos condutores, segurança no trânsito, técnicas que auxiliam o psicólogo a detectar o uso de substâncias psicoativas pelos candidatos que estão sendo avaliados, ética e questões normativas referentes à psicologia do trânsito, além de uma supervisão de caso clínico. O I Encontro Estadual de Psicologia do Trânsito é dirigido a estudantes, psicólogos e profissionais que atuam na área do trânsito. As inscrições já estão abertas, são gratuitas e podem ser feitas no CRP-07.

Assembléia Orçamentária mantém valores de 2000

A assembléia orçamentária do CRP-07 que discutiu a proposta para o ano de 2001 foi realizada no dia 25 de setembro. A plenária propôs um orçamento que contemplasse os projetos apresentados pelas comissões que atuam no Conselho Regional e que permitisse manter os mesmos valores da anuidade de 2000. Pensando na atual conjuntura econômica, a plenária assumiu o compromisso de adequar seus projetos à possibilidade de manutenção dos valores, o que foi acatado pela assembléia. Confira os valores na tabela que segue:

Anuidades, taxas e emolumentos – ano 2001	
Anuidade pessoas físicas	R$ 137,00
Anuidade pessoas jurídicas	R$ 137,00
Taxa de inscrição pessoa física	R$ 68,00
Cédula profissional	Isento
Segunda via da cédula profissional	R$ 41,00
Valor referência – anuidade primeira inscrição pessoa física	R$ 68,50
Taxa de registro pessoa jurídica	R$ 100,00
Valor referência – multra de infração disciplinar	R$ 137,00
Declarações	Isento
Atestados e certidões	Isento
Alteração de registro pessoa jurídica	R$ 30,00
Fotocópia (processo ético Segunda via)	R$ 0,12
Etiquetas – mailing	R$ 0,10

Obs.: Sobre o valor da anuidade – R$ 137,00 – serão acrescentados mais R$ 2,00, recolhidos pelo Conselho Federal de Psicologia e repassados aos estados que não têm representações regionais.

CONTRA A VIOLÊNCIA

Uma ampla campanha em defesa da criança e do adolescente foi deflagrada no Encontro Nacional das Comissões de Direitos Humanos dos CRPs, realizada em agosto em Brasília. A campanha, que tem como lema *Nem Prisão, Nem Caixão para o Futuro do Brasil*, vai ao encontro de outra mobilização nacional pelo fim da violência e exploração sexual de crianças e adolescentes que também conta com o apoio da Comissão de Direitos Humanos do CRP-07, em parceria com a Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembléia Legislativa. Esta última campanha citada é uma iniciativa do grupo de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O texto da campanha diz o seguinte:

"Toda criança tem direito de ser educada sem violência, seja esta física, psicológica ou sexual. A criança precisa aprender com palavras e atitudes de compreensão e respeito e não com empurrões, safanões, tapas, humilhações... Naturalmente, esta postura não significa sermos contra a necessidade de disciplina e limites na educação infantil. Significa, isso sim, que repudiamos o uso de violência como estratégia de educar as novas gerações: mesmo que esta violência assuma a forma de um tapa (ainda tão defendido na pedagogia familiar) ou de castigos físicos e/ou degradantes (ainda adotados em escolas e instituições ditas de proteção à infância). Por isso defendemos o princípio de que se queremos um mundo não violento devemos começar educando sem violência as futuras gerações!"

CURTAS

Abep realizou primeiro encontro

O CRP-07 participou do 1º Encontro Nacional da Abep (Associação Brasileira para o Ensino da Psicologia), que foi realizado em setembro na Universidade Federal de Minas Gerais. Na ocasião, foram discutidas as principais questões que envolvem a formação do profissional da Psicologia, como as Diretrizes Curriculares e o Sistema Nacional de Avaliação de Cursos. A proposta para este primeiro encontro também incluía uma decisão sobre os rumos de consolidação da entidade, a aprovação de seu regimento interno e a eleição da diretoria. Como a proposta do regimento interno foi apresentada com problemas e alguns participantes apontaram para a necessidade da eleição ser um processo nacional, inclusive com a participação de chapas, estas decisões foram remetidas para o encontro do próximo ano. O CRP-07 vai trabalhar para que seja feita a indicação de um psicólogo gaúcho que represente o Estado na entidade. Vale lembrar que o CRP-07 é sócio institucional da Abep e dá todo o apoio à jovem instituição.

Anualmente,

seguindo o regimento interno, a plenária do CRP-07 faz uma avaliação de suas ações e elege novos membros para a diretoria. Dentro destes procedimentos, houve a troca da vice-presidente no último mês, função que agora está sendo desempenhado pela conselheira Janice Castilhos Gomes.

A Comissão de Direitos Humanos do CRP-07

está organizando, para a primeira quinzena de dezembro, um fórum de debate sobre a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. Devem participar do encontro profissionais de todas as áreas, entre antropólogos, educadores, sociólogos e psicólogos.

Fórum discute a avaliação psicológica

O Conselho Federal de Psicologia realiza, de 10 a 12 de novembro, em Brasília, o I Fórum Nacional de Avaliação Psicológica. Neste encontro será discutido, de forma abrangente, a questão dos Métodos e Técnicas Psicológicas, um debate freqüente em nossa categoria e motivo de consultas sistemáticas aos Conselhos de Psicologia.

Em preparação a este encontro, o CRP-07 realizou um fórum no começo de setembro, no qual foram discutidas e elaboradas propostas e escolhidos os delegados que vão representar o Rio Grande do Sul em Brasília. Cinco propostas/teses serão encaminhadas pelo CRP-07:

- Elaboração de instrumentos psicológicos – necessidade de rever instrumentos de qualidade científica duvidosa;
- Laudo, parecer e atestado psicológico – deve haver uma diferenciação técnica destes termos e critérios normativos para seu uso;
- Qualificação da avaliação – os testes de avaliação devem estar integrados a entrevistas e suas interpretações;
- Testes psicológicos – há uma necessidade de maior controle sobre a venda de testes psicológicos, bem como sua adaptação à realidade brasileira e exclusividade de uso pelos psicólogos;
- Aprendizagem da avaliação psicológica – é importante que haja uma integração das várias habilidades necessárias para a realização de avaliações.

Neste fórum regional também foram indicados os psicólogos que vão participar, como delegados, do Fórum Nacional. Os psicólogos Irani Argimon (professora da PUC) e Paulo Kroeff (professor da Ufrgs) serão os representantes da categoria, enquanto Lúcio F. Garcia, Aurinez Rospide Schmitz e Rejane de Oliveira Pousada são os indicados pela plenária do CRP-07.

Especialidades continuam em debate

O CRP-07 convocou uma reunião no dia 20 de outubro para a discussão sobre o registro de especialidades proposta pelo CFP. Apesar do número discreto de entidades que se fizeram representar, os participantes produziram um debate importante sobre o polêmico tema. A minuta formulada pelo grupo de trabalho propõe a operacionalização da implementação do Registro de Especialidades, remetendo a responsabilidade da tarefa para a Abep, e se baseia nas seguintes posições, que serão encaminhadas ao CFP:

- Posição de protesto frente a urgência de definição da matéria, considerando precoce a possibilidade de sua definição na próxima reunião da Apaf (Assembléia de Políticas Administrativas e Financeiras), marcada para dezembro em Brasília;
- A sugestão é que a matéria seja um dos pontos de pauta do IV Congresso Nacional de Psicologia, pelo fato de ser a maior instância democrática da profissão;
- A questão sobre qual entidade vai se responsabilizar pelo registro de especialidades é complexa. Nossa primeira posição apontava para o sistema Conselhos, entidade que melhor assegura a representatividade da categoria.

O tema do registro de especialidades foi definido como pauta de discussão com a categoria na reunião da Apaf do ano passado, estabelecendo-se o próximo mês de dezembro para a discussão final de como será implementado o registro. Nas discussões em fóruns nacionais têm-se argumentado sobre a precocidade da medida, tendo em vista seu potencial de repercussão no exercício profissional e no próprio mercado de trabalho. A questão está em aberto e é necessário que os psicólogos do Rio Grande do Sul participem da discussão e reflitam se este é o caminho que querem para a construção da sua profissão. As informações estão à disposição de todos no CRP-07. Participe!



Saúde Mental e Trabalho

é a nova revista voltada para os psicólogos que está chegado ao mercado. A iniciativa da publicação é da Federação Nacional dos Psicólogos (Fenapsi) e pretende preencher um espaço de produção teórica sobre o tema. Entre os artigos há títulos instigantes, como Saúde Mental, Trabalho e Descompasso Tupiniquim; ou, ainda, O Sujeito Trabalhador apesar do seu Trabalho. No Rio Grande do Sul, a revista está disponível na sede do Sipergs (Sindicato dos Psicólogos do RS) por R$ 5,00, com desconto para quantidades maiores. Informações e pedidos pelos telefones (51) 395.1065 ou 395.2214 ou pelo e-mail sipergs@ez-poa.com.br

A I Jornada Regional de Saúde Mental

será realizada nos dias 20 e 21 de outubro no campus da Uri, em Santo Ângelo. A proposta dos organizadores é articular estratégias de intervenção nos municípios da região e promover o debate entre os profissionais da área de acordo com o movimento de desinstitucionalização e adequação das práticas em saúde mental à lei estadual de reforma psiquiátrica. Os quatro painéis e os grupos de discussão vão contar com a participação de representantes de instituições afins e profissionais da região que atuam na área da saúde mental. Informações (55) 313.1400.

agenda

crp07@portoweb.com.br

Fale conosco

II Encontro Nacional de Serviço Social e Seguridades

Tema: Seguridade Social Pública é Possível!
De 29 de outubro a 1º de novembro na PUC/RS
Informações (51) 333.2913 ou positivaeventos@terra.com.br

Sexualidade: Atitudes, Comportamentos e Drogas Pós-Sexuais (curso)

Dias 10 e 11 de novembro na Clínica Univitta, em Porto Alegre
Informações (51) 334.9895 ou 338.6656

III Seminário de Psicologia Jurídica

Tema: Perícia psicológica
Dias 09 e 10 de novembro na ULBRA, em Canoas

História da Psicanálise: Questão de Método

Dia 11 de novembro, a partir das 9h30min, no Centro de Estudos Psicanalíticos de São Paulo
Informações (11) 3865.0017 ou 3676.1513

VI Jornada Gaúcha de Psicoterapias de Grupo

Tema: Violências e grupo
Dias 24 e 25 de novembro no Hotel Umbú, em Porto Alegre
Informações (51) 333.9705 ou ceapeg@conex.com.br

Reunião Clínica do ITI

Tema: Psicoterapia e Psissomática
Dia 25 de novembro, às 10h, na sede do Instituto de Terapias Integradas
Informações (51) 311.3008 ou 311.8163

Introdução ao Estudo de Piera Aulagnier

Palestra com a Dra. Raquel Zak de Goldstein
Dia 9 de dezembro, a partir das 19h, no Iepp
Informações (51) 333.4801 ou 335.3534

Curso de Formação em Psicoterapia Psicanalítica

Início em março de 2001
Inscrições abertas no Instituto Wilfred Bion
Informações (51) 332.3943 ou 335.3443

Grupos de Estudos

Formação de turmas em vários temas
Inscrições abertas no Instituto Wilfred Bion
Informações (51) 332.3943 ou 335.3443

Cursos do Gaepsi para 2001

Vagas em Psicoterapia Psicanalítica Infantil e de Adultos, Psicopatologia e Infância e Adolescência Normal e Patológica
Inscrições até 10 de dezembro
Informações (51) 331.3781

Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica: Criança, Adolescente e Adulto

Inscrições abertas no Instituto Abuchalm
Informações (51) 337.5213 ou 337.5304

Curso de Formação em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica

Início em março de 2001, no Iepp
Informações (51) 333.4801 ou 335.3534

XVIII Curso de Extensão Universitária em Psicoterapia de Orientação Analítica

Público alvo: psiquiatras e psicólogos
Inscrições abertas até 30 de novembro no Centro de Estudos Luis Guedes/Ufrgs
Informações (51) 330.5655 ou 318.8416

Violência Doméstica e Abuso Sexual – Diagnóstico e Tratamento

Curso com Martha Narvaz e Cármen Berwanger
Às quartas e quintas-feira, à noite
Informações (51) 332.1613 ou 331.0374

Curso de Extensão em Neuropsicologia

Módulos para os finais de semana, abordando temas diversos
Inscrições na Universidade Federal do Rio de Janeiro
Informações (21) 295.3796

Especialização em Psicoterapia Psicanalítica

Início em março de 2001
Inscrições até 24 de novembro na Unisinos
Informações (51) 591.1122



Teoria Psicanalítica com especializações em Infância e Adolescência, Adultos e Vincularidade

Início em março de 2001, com duração de três anos
Inscrições abertas no Instituto Contemporâneo de Psicanálise
Informações (51) 311.7051 ou 311.1951

Kathy Helena Esposito
Psicóloga e mestranda em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS.

resenha

Gênero, Subjetividade e Trabalho

Falta-lhes muitas vezes a cidadania, mas esbanja-se nelas o humano.

Fazer uma resenha é inventar, é recortar, é seduzir o leitor. Preferencialmente, instigando-o a buscar na fonte, o livro propriamente dito, saciar sua curiosidade e produzir outros sentidos. Pois bem, de minha parte acompanhei atentamente fluxos, interrupções, atalhos, trilhas deste profícuo e instigante trabalho. A síntese que apresento se refere ao que foi possível, no momento, apreender, compreender, traduzir, interpretar e compor com a autora.

Este estudo foi produzido num complexo industrial têxtil, constituído de diversas unidades espalhadas pelo País e pelo Rio Grande do Sul. As unidades pesquisadas situam-se no RS e são compostas, em sua maioria, quase 90%, por mulheres/operárias, responsáveis pela fiação, tecelagem e confecção de peças para o vestuário. Entre fios, linhas e tecidos produzidos e reproduzidos na tensão das questões de gênero, trabalho e subjetividade, a autora pergunta: como se produz a mulher operária?

Busca, assim, dar visibilidade às formas pelas quais as mulheres operárias se constituem dentro e fora da fábrica, no esforço de tornarem-se sujeitos sociais ativos economicamente. Além disso, evidencia o quanto essas trabalhadoras encontram-se como depositárias dos mecanismos perversos de discriminação social e política.

Mostra, ainda, como as práticas de gestão de recursos humanos estão imbricadas com práticas educacionais, objetivando o disciplinamento e a domesticação dos/as trabalhadoras/es, que, desse modo, mantêm a hegemonia capitalística.

Quando da realização desta pesquisa estava em curso, na empresa, um processo de reestruturação, que teve como ênfase o enxugamento de pessoal, a implementação de programas de qualidade total e a qualificação dos trabalhadores/as.

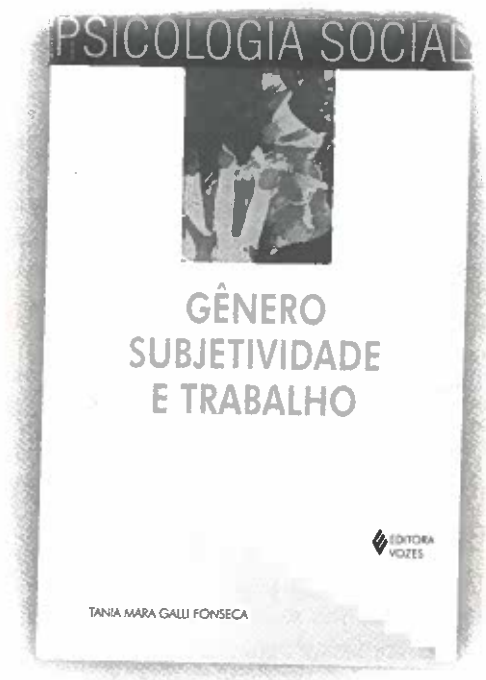
As primeiras operárias que ingressaram na empresa foram preferencialmente recrutadas, conforme os relatos, dentre as mulheres pobres, nos lares e prostíbulos. Evidencia-se, conforme a autora, a *condição extremamente estigmatizada*, que constituiu a primeira geração de trabalhadoras. Assim, o "capital" lhes oferece a oportunidade de ocupar seu tempo digna e produtivamente, tornando-se mulheres trabalhadoras.

As descrições detalhadas das instalações, dos ruídos, odores, luminosidade, contato com o ambiente externo permite pensar os sentidos do tempo na produtividade e na subjetividade do trabalhador/a, evidenciando o a priori para o capital, em que o tempo se traduz em lucros, e, portanto, nada pode ser desperdiçado. Percebe-se o controle, por parte da empresa, dos tempos, gestos e movimentos das operárias, constantemente vigiadas. Trabalhadores/as enclausurados/as em instalações que não permitem contato com o mundo externo, durante oito ou mais horas de trabalho, privadas das mudanças do dia, dos fluxos que abrigam a vida fora da fábrica. Descrição que foi incessantemente permeada por relatos significativos de trabalhadores/as, gestores e diretores da empresa, que expressam seu testemunho, sua perplexidade, suas surpresas ao falar sobre seu cotidiano no trabalho.

Uma operária testemunha orgulha-se de já incorporar a máxima capitalística "tempo é dinheiro" e, assim, justifica a lógica de expropriação capitalista, na ilusão de que quanto mais produzir, mais será capaz de ganhar, ou seja, "lucrar" com seu trabalho.

É uma velocidade de produção que extingue tayloristicamente qualquer porosidade no trabalho e captura todas as sensibilidades e energias, canalizando-as na produção e transformando os/as trabalhadores/as em sujeitos deslocados, excluídos de uma vida cheia de desejos, sonhos e humanidades. E que também produzi sujeitos alienados de suas próprias vidas e maquinalmente acoplados, como peças, ao sistema de produção da mais valia.

Assim, este trabalho se constitui numa incessante busca para compreender os movimentos pelos quais as mulheres tornam-se trabalhadoras e como ocupam seu espaço no mundo do trabalho. Também procura, ao longo do texto, dar visibilidade aos sujeitos femininos, em especial no âmbito da fábrica, e, para além, evidencia a educação como um locus importante na construção dos mecanismos de dominação e opressão social.



de Tânia Maria Galli Fonseca
Editora Vozes, Petrópolis, 2000.
R$ 23,00.

Este trabalho se constitui numa incessante busca para compreender...

...como as mulheres tornam-se trabalhadoras.